

EDITORIAL:

Hilton de Azevedo

Neste número o leitor encontrará temas bastante pertinentes ao universo das questões que permeiam a Educação e a Tecnologia. Ferreira & Assmars discutem o termo cultura dentro no universo organizacional, as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas empregadas e as duas grandes tendências que tem norteado esse desenvolvimento: a cultura como algo que a organização é, e a cultura como algo que a organização tem. As autoras ressaltam o fato que muita coisa ainda existe por ser feita nesse campo no Brasil, visto que a maioria da literatura trata de casos do hemisfério norte, havendo poucos estudos sobre culturas organizacionais locais.

Porto Alegre & Leszczynski argumentam que, para se atingir o objetivo de um aprendizado constante durante toda a vida profissional, deve-se ensinar matérias e conteúdos, oferecendo ao aluno a oportunidade para: adquirir recursos de expressão e de comunicação; desenvolver a capacidade de aprender a aprender; criar o hábito do trabalho em equipe; propiciar a capacidade de relacionamento com o próximo, desenvolver a capacidade de decisão, liderança e criatividade. Para que isso possa ser alcançado é preciso que os currículos sejam atualizados através de um trabalho de parceria de comunidades internas e externas à escola.

Através do trabalho de Reis, Diz e Ruivo, conhecerá um pouco do contexto dos gestores de pequenas e médias empresas portuguesas (PMEs), como compreendem que deve ser conduzido o processo de interação entre aquelas empresas e as universidades, como pensam que deveriam ser elaboradas estratégias nas empresas para melhor receber e solicitar serviços das universidades e, da mesma forma, como as universidades poderiam criar canais mais claros para cooperação com as PMEs. Das observações de Moreira (Moreira et alii) o leitor poderá conhecer a dimensão que faz com que o Ensino Médio não profissionalizante seja considerado como Ensino Tecnológico. A importância da dimensão humana na educação, da análise dos conteúdos programáticos, dos métodos e técnicas de pesquisa, da formação docente e das relações com os segmentos produtivos. Os autores apontam possíveis eixos de mudanças para o ensino médio: o eixo relacional, o sócio-cultural e o tecnológico produtivo. Para se poder ir além do fazer e do pensar para o fazer-pensar, para que os novos profissionais possam dominar os fundamentos e técnicas utilizadas na produção moderna.

A questão da inovação e tratada por Cherobim, quando apresenta um estudo dos processos de inovação na gestão de infraestruturas para transportes rodovias e ferroviários em processos de privatização. Mudanças de práticas profissionais e reorganizações profundas podem ser observadas.

Silveira & Moreira apresentam um quadro bastante lúcido do contexto de desenvolvimento profissional em serviços de professores, e o quanto isso chega a mudar práticas pedagógicas. Seus resultados mostram que existe pouco planejamento para o desenvolvimento daqueles profissionais e que a contribuição de cursos com a finalidade de mudar práticas pedagógicas é praticamente inexistente.

No campo do uso de técnicas como instrumentos de ação social, Krüger faz um resumo histórico da construção por auto-ajuda (mutirão), seus objetivos (resolução de

parte do problema habitacional, estímulo à economia interna e diminuição do desemprego) e as principais medidas a serem adotadas nas fases de planejamento e de construção deste tipo de projeto.

No campo da inovação na sala de aula, Alcântara apresenta os impactos da tecnologia da computação e comunicação na Educação Regular e Especial. Alcântara enfatiza a mudança do papel do educador de conhecedor de conteúdos para facilitador. Em especial, o conceito de instrução ancorada baseada em vídeo é apresentada como uma proposta promissora se comparada com aquela da instrução ancorada unicamente em textos.

Finalizando, Havelange, Lenay e Stewart propõem uma definição de representação humana, partindo do princípio que é mediatizada pela técnica, como um processo de tornar presente; em oposição ao conceito de um referente que pode servir de substituto para o referido. Para os autores, as pessoas herdaram um mundo detentor de um passado que elas próprias não viveram. Isso faz com que a memória social seja a possibilidade da interação do sujeito e seu mundo psíquico e social.

Boa leitura a todos.